

**LITERATURA, IMPRENSA E INTERNET:
O AUTOR, O LEITOR E A MEDIAÇÃO QUE SE QUER INVISÍVEL**

**LITERATURE, THE PRESS AND THE INTERNET:
AUTHORS, READERS AND THE DESIRE FOR INVISIBLE MEDIATION**

Daniela Birman

RESUMO: Neste texto, examino recentes modificações identificadas no domínio da produção e circulação da literatura no Brasil, relacionadas, entre outros fatores, ao início da divulgação desta produção na internet, à expansão da vida literária nacional e do espaço narrativo. Para realizar este exame, partirei do movimento de “desliteraturização” analisado por Silviano Santiago na história da imprensa escrita, buscando refletir, no sentido inverso ao enfatizado pelo crítico, nas diversas formas de “folhetinização” e “literaturização” que podemos encontrar hoje em meios como a internet e a televisão. Segundo buscarei mostrar, neste cenário de migração do folhetim e do literário para blogs, sites e redes sociais colocam-se questões e desafios ao crítico, tais como o surgimento de novas figuras de autor e leitor, de diferentes formas de mediação e legitimação da obra. Estas modificações são ainda essenciais para refletirmos sobre o perfil da nova geração de suplementos literários que circulam no país hoje.

PALAVRAS-CHAVE: internet; vida literária; cultura contemporânea

ABSTRACT: In this text I examine recent changes in how literature is being produced and circulated in Brazil. These shifts can be related, among other factors, to the growing use of the internet as a way of divulging literary works and to the expansion of national literary life and narrative space. My examination sets out from Silviano Santiago’s analysis of the ‘deliteraturization’ movement in his historical account of the written press. Taking an opposite tack to this writer and critic, though, I look to explore the diverse forms of ‘serialization’ and ‘literaturization’ found among contemporary media such as the internet and television. As I aim to show, the migration of newspaper serials and literary works to web sites, blogs and social networks poses diverse questions and challenges to the critic, including the emergence of new figures of author and reader, accompanied by different forms of mediating and legitimizing literary works. These changes are also essential to understanding the profile of the new generation of literary supplements circulating in Brazil today.

KEYWORDS: internet; literary life; contemporary culture

INTRODUÇÃO

No artigo “Crítica literária e jornal na pós-modernidade”, o escritor e crítico Silviano Santiago defende que a “história da imprensa escrita na sociedade ocidental é a história de sua desliteraturização” (1993, p.12; cf. também 2004). Ela seria marcada, pois, pela diminuição progressiva do poder, prestígio e espaço dedicados à literatura nos jornais e nas revistas. Esse movimento pode ser compreendido de modo claro por meio do exemplo fornecido pelo próprio crítico: o desaparecimento do folhetim literário das páginas da imprensa escrita.

Os folhetins, contudo, não acabaram, e sim migraram para outros meios. Após alcançar enorme sucesso no rádio, por exemplo, eles foram desbancados pela música e, mais uma vez, mudaram de veículo, alcançando novo êxito na televisão. Essas migrações folhetinescas comprovariam a segunda hipótese de Silviano Santiago, ampliadora da primeira. Com efeito, de acordo com o crítico, não somente a história da imprensa escrita é aquela da sua desliteraturização, mas a história dos próprios meios de comunicação de massa.

É possível, porém, ao buscar avançar na análise de Silviano Santiago, seguir o sentido oposto ao priorizado por ele: aquele dos movimentos diversos de “literaturização” e “folhetinização”. Afinal, segundo aqui foi indicado, os processos de desliteraturização também resultam em migrações do folhetim para outros veículos, de forma que a perda do espaço para a narrativa num meio se acompanha, em geral, da exploração e potencialização dos recursos presentes em outras formas de comunicação.

Nesse contexto, seria produtivo indagar não apenas sobre a desliteraturização que se anuncia hoje na decadência do gênero da telenovela, mas também a respeito das migrações e transmutações do folhetim e do literário. Estas são, com efeito, passíveis de serem identificadas na internet, na própria televisão e em outros meios de comunicação, as quais podem se ligar ainda a uma expansão da vida literária no país. Será esta indagação que buscarei, pois, aqui perseguir. Ao fazê-lo, tentarei mostrar alguns dos desafios que essas mudanças colocam aos críticos, tais como o surgimento de novas figuras de autor e leitor, assim como o esvaziamento (parcial) do poder da universidade, das grandes editoras e dos jornais, que deixam de ser imprescindíveis como meios de legitimação da obra e de mediação entre autor e público. Além disso, segundo indicarei brevemente, esta ampliação da vida literária também é fundamental para refletirmos sobre o perfil dos suplementos literários hoje, visto que estes são não apenas impulsionados por ela como também em parte pautados.

A MIGRAÇÃO DO FOLHETIM PARA AS MICRONARRATIVAS SIMULADORAS DO “REAL”

Em 1993, ano em que Silviano Santiago publicou seu artigo, já era possível prever o fenômeno da “destenovelização”: a perda de prestígio e poder do folhetim, desta vez na televisão. E o crítico, de fato, indica este acontecimento. “A liderança jornalística internacional assumida pela CNN durante a guerra do Golfo aponta novos caminhos para a destelenovelização da media eletrônica. O aumento intolerável da

violência urbana e a conseqüente diminuição na frequência aos campos de esporte podem apontar para uma outra futura e rentável linha da media eletrônica - o vídeo”, escreve (SANTIAGO, 1993, p. 13).

No entanto, o que vem ocorrendo hoje, segundo podemos facilmente concluir cerca de duas décadas depois do exame de Santiago, é a ascensão de outro gênero, no lugar da novela: aquele do reality-show, cujos programas ocupam parte significativa da grade das redes de televisão, abertas ou fechadas. Simulando uma série de situações “reais”, estas narrativas mostram o cotidiano de um grupo de indivíduos que enfrentam, juntos ou separados, problemas diversos, como competições, pressões e rebaixamentos, dificuldades de convivência, novos aprendizados etc. Simultaneamente simuladas e experimentadas – de forma que as situações vividas são indissociáveis da sua dimensão de representação para o público -, essas encenações produzem um “efeito de real” (cf. BARTHES, 2004).

No entanto, essas transmissões e representações dos pequenos, mesmo minúsculos, fatos do dia a dia não se desdobram apenas nas telas de TV. Elas também se constroem, por meio da linguagem escrita, em blogs e redes sociais. Nestes, o intervalo entre a vida e a representação da vida tende a diminuir consideravelmente, de forma que blogueiros e integrantes de redes sociais narram, em curtíssimo espaço de tempo, o que acabam de pensar, fazer, ver ou ouvir. Em certos casos, os acontecimentos também se revelam inseparáveis da sua representação, quando, por exemplo, os narradores de sua própria vida anunciam o que estão na iminência de fazer, o que ainda não aconteceu ou mesmo jamais acontecerá. A simulação também se faz, é claro, aqui presente, do mesmo modo que o “efeito de real”.

É possível, neste contexto, sugerir o avanço da hipótese de Silviano Santiago, perguntando-nos se não estaria ocorrendo hoje um fenômeno de “refolhetinização” em programas televisivos e redes sociais nos quais os indivíduos comunicam o que aparentam viver e vivem o que aparentam comunicar. O desejo de real dispensa, neste caso, o escritor oficial, as vestes formais da ficção e, por vezes, até mesmo os ganchos, as ligações entre os episódios e a profusão de reviravoltas e acontecimentos do antigo folhetim. Isso não significa, evidentemente, que a ficção não se faça presente de outras formas, como pelo trabalho de transformação de si mesmo num personagem, criado ao ritmo das próprias demandas da interação com o público.

Não busco aqui, evidentemente, apagar as diferenças de linguagem, formato e conteúdo entre os folhetins do século XIX, as telenovelas, os programas de reality, os

tweets ou posts, ou mesmo a diversidade muitas vezes abarcada por cada uma dessas escritas. Mas considero sim importante chamar a atenção para certas semelhanças existentes entre essas linguagens e seus atores e destacar sua inserção num grande alargamento do espaço narrativo hoje. A sugestão de uma refolhetinização, desse modo, além de ter sua faceta lúdica, propõe que acompanhem as mudanças ocorridas no campo literário em suas ligações com essas outras linguagens “folhetinescas”.

Lembro que esta ampliação das narrativas no âmago da própria existência foi apontada pelo crítico Alcir Pécora (2011) em artigo publicado ano passado no jornal *O Globo*, texto do qual sou aqui devedora. Neste, Pécora examina determinados impasses que identifica na literatura contemporânea, debruçando-se sobre o que chama de uma “crise da expressão”. Entre os fatores analisados por ele está justamente esta expansão. Cito:

Antes mesmo de existir como evento, a ação já se apresenta como narrativa, como ocorre nos reality show, em que as pessoas, antes de agir, representam ou narram a ação que lhes cabe. Ocorre também na multidão que fala pelos blogs e pelas redes sociais, ou se monitoram pelos celulares, de modo que a ação ou a conversa é sempre exibição/narração da conversa. É como se o mundo inteiro fosse virtualidade narrativa antes de ser existência particular, e principalmente como se todo mundo fosse interessante o bastante para ser visto/lido. [...] É um problema basicamente de inflação simbólica (ibidem, p.1).

Com esta ampliação das narrativas, segundo se pode concluir, a situação de competição se agrava, os leitores tornam-se mais passíveis de se imaginar ou se colocar como autores, sentindo-se mais próximos destes, e as fronteiras entre o real e a ficção, o público e o privado tendem a se borrar. São estes, pois, os fatores que procurarei indicar sinteticamente. Desse modo, embora não tenha a intenção de avaliar essa crise identificada por Pécora, discordando ou reiterando seu diagnóstico, acredito que o campo literário atual deve ser pensando em relação a esta expansão apontada por ele.

O LITERÁRIO NA REDE

Paralelamente à transformação de pequenos acontecimentos do cotidiano em microfolhetins desdobrados em celulares, redes sociais e programas de TV, a produção literária começa a circular, se divulgar e ser produzida na internet. Mesmo sem necessariamente se afirmar como “real”, esta produção e seus autores exploram um

contato aparentemente “direto” com o público, em meio a grupos sociais incluídos digital e educacionalmente. Ao obter considerável êxito por meio desse contato, diversos dos escritores já não dependem de editoras, jornais, universidades e livrarias para se lançar e firmar. É neste quadro que se esboçam novas figuras de autor e leitor a ser examinadas pelos críticos de hoje: aquelas do autor-divulgador e do leitor interativo.

Cito aqui dois exemplos conhecidos: Clarah Averbuck e Daniel Galera, nomes cuja produção recebeu divulgação inicial na rede. Autor, entre outros títulos, de *Mãos de Cavalo* (2006), *Cordilheira* (2008) e *Até o dia em que o cão morreu* (2003), Galera conta, em entrevista publicada num portal da internet, que foi, sobretudo, através do mailzine CardosOnline (um zine enviado por e-mail, cuja primeira edição saiu em 1998) que ele conseguiu formar um pequeno grupo de leitores antes mesmo de ter seu primeiro livro lançado (cf. SANTOS, 2011), em 2001. Em sua melhor época, o zine chegou a ter cinco mil assinantes.

Já Clarah Averbuck teve seu primeiro texto publicado na revista digital *naotil* e também colaborou para o mesmo CardosOnline que tinha Galera como um dos colunistas e criadores. Em 2001, ela passou a publicar por meio de outras ferramentas digitais, criando seu próprio blog. Segundo conta a escritora, neste período ela já redigia seu primeiro romance e tinha vontade de seguir publicando na rede: “Eis que um amigo apareceu com uma incrível novidade: o blog. Assim nasceu o brasileira!preta, um dos primeiros blogs do país” (cf. AVERBUCK, 2008). Será neste espaço que a autora divulgará, com eficiência, trechos do seu primeiro livro, *Máquina de pinball* (2002).

Averbuck e Galera, desse modo, tiveram na internet sua estreia, seu primeiro espaço de divulgação e de conquista dos próprios leitores, trilhando uma trajetória que pode ser considerada bem sucedida no mercado editorial. Os dois, como se sabe, não permaneceram apenas no meio digital, tendo publicado títulos diversos em papel. Ambos tiveram ainda um de seus livros adaptados para o cinema, obras esgotadas e passagem de casas editoriais menores ou de perfil mais independente para outras de maior porte.¹ Este acesso aos meios modernos por excelência de mediação e legitimação literária (jornais, mídias e grandes editoras, universidades) ocorreu, contudo, posteriormente ao caminho trilhado na rede, o que, sem dúvida, diminui o peso, o poder e a dependência a estes meios.

¹ Como se sabe, o romance *Até o dia em que o cão morreu* foi levado ao cinema por Beto Brant e Renato Ciasca (*Cão sem dono*, 2007) e *Máquina de Pinball* deu origem ao filme *Nome próprio* (2007), dirigido por Murilo Salles. Esgotado, o livro de Averbuck só pode ser encontrado hoje em poucas bibliotecas. Já *Até o dia em que o cão morreu* ganhou uma segunda edição pela Companhia das Letras (2007).

A FIGURA DO AUTOR-DIVULGADOR

Esta forma de contato com o público pela internet modifica, evidentemente, a relação do autor com o leitor e de ambos com o crítico. Como se sabe, a compressão espaço-tempo operada pelas comunicações na rede proporciona uma ilusão de contato “direto” e “real”, recobrando as mediações realizadas. Entretanto, segundo podemos supor, o leitor da internet desenvolve outras formas de vínculo e mediação que passam, por exemplo, por mídias sociais e redes de contato pessoal/profissional/universitário. Neste cenário surgem, me parece, novos desafios ao crítico, cabendo a ele problematizar as figuras de autoria que se constroem nestas relações, as mediações efetuadas e as novas modalidades de recepção.

Com efeito, estas outras formas de mediação interferem no papel do autor, capaz de se desdobrar, caso ele invista em atividades de conquista do seu público, naqueles de divulgador, agenciador ou agitador culturais. Pois, embora exista a sensação de que o leitor está ao alcance, sua conquista ainda é dura. E o número de livros produzidos cresce numa proporção que não equivale àquela da demanda do mercado.²

A possibilidade de profissionalização do escritor hoje se dá, assim, num ambiente altamente competitivo em que são disputados não apenas reconhecimento de seu valor literário e prêmios, mas também verbas públicas, participação em projetos editoriais coletivos, inserções em instituições culturais privadas e, claro, leitores. Segundo resume o crítico Italo Moriconi, as levadas de novos autores têm mostrado interesse em procurar seu público “na relação direta com as clássicas instituições do mercado e da vida literária extra-acadêmica” (2010, p. 3). Moriconi lembra ainda que, enquanto a crítica universitária presumia que um escritor só poderia ser bom se fosse dotado de “espírito crítico”, o critério proposto hoje pelo escritor padrão é bem outro: “a capacidade de atrair leitores ou, no mínimo, seguidores, sem a prévia verificação de

² Para se ter uma ideia, segundo a pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial, o número de livros comprados no país em 2010 cresceu 8,3% em comparação ao ano anterior – e se incluirmos as vendas ao governo, este número sobe para 13,12%. Já o crescimento registrado em relação ao número de títulos produzidos e de exemplares impressos é bem maior. Ainda de acordo com a citada pesquisa, o número de títulos produzidos aumentou 24,9% de 2009 a 2010. E o aumento registrado em relação ao número de exemplares impressos ficou em 22,72%. A pesquisa é realizada anualmente pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros (Snel), em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). Mais informações sobre o estudo podem ser consultadas em: http://anl.org.br/web/pdf/pesquisa_setor_livreiro/relatorio_FIPE_2011.pdf. Ver ainda a reportagem “Brasileiro compra mais livro, mas crescimento do setor é discreto” (RODRIGUES, 2011).

credenciais estéticas ou ideológicas” (ibidem, p. 3). Percebe-se aqui, portanto, um movimento de modificação nos critérios de valoração circulantes no domínio do literário, no qual o peso do mercado e a capacidade de formação do próprio público aumentam.

RECEPÇÃO EM TEMPOS DE INTERATIVIDADE

Outra implicação da conjuntura exposta acima - relativa à inserção da literatura na cultura da internet e à valorização de um contato supostamente “imediatos” - consiste no outro lado da relação autor-leitor. Assim, se o primeiro passa a ter a possibilidade de conquistar seu público no espaço virtual da rede, isto acarreta que ele também poderá ser lido, segundo vimos, sem passar por uma série de mediações modernas (da crítica, do jornal, do suporte livro) que demarcavam fronteiras distinguindo o público do privado, a ficção do diário pessoal etc. Desse modo, os leitores destes autores agirão num ambiente social no qual a distinção de domínios, suas fronteiras e seus mediadores encontram-se borrados. Impulsionados por esta ilusão do “próximo” e do “contato real”, eles buscarão de fato alcançar seus autores, escrevendo na caixa de comentários do seu blog ou site, para o seu correio eletrônico ou mesmo indo atrás deles em eventos públicos.

Um exemplo extremo desse tipo de recepção que também se quer “direta” está na reação desencadeada pelo blog da escritora Clarah Averbuck. Com efeito, segundo o depoimento da autora, já aqui citado, o brasileira!preta não apenas favoreceu a divulgação do seu primeiro livro, que teve trechos publicados lá, mas também levou muitos dos seus leitores a interferir de modo excessivo em sua vida. De acordo com Averbuck, ela chegou inclusive a ser seguida, ameaçada, assediada. “O leitor de blog tende a achar que sabe tudo sobre o autor e que tem o direito de responder com a mesma intimidade que sente quando lê”, conta (AVERBUCK, 2008). Já quando seu livro de estreia foi lançado e ela, supostamente, poderia ser reconhecida como “autora”, a confusão não diminuiu: “Nessa época começaram as questões: existe literatura de blog? [...] Você é escritora ou blogueira?” (ibidem).

Embora este exemplo se refira a um período em que o fenômeno da literatura na internet, recentíssimo, tendia a gerar mais equívocos, considero-o produtivo para refletir sobre o cenário atual. Este caso reúne, de fato, uma série de particularidades e desorientações típicas do nosso momento, no qual a sensação de proximidade da

comunicação pela internet modifica as relações desdobradas nesse ambiente, inclusive as trocas de bens culturais. Entre as desorientações implicadas, cito: a tendência do contato com o leitor borrar as fronteiras entre público e privado, literatura e diário, devido à retirada de cena das antigas formas de mediação e da “invisibilidade” das novas formas; a possibilidade da autora reivindicar um nome como escritora e ser recebida como “blogueira”; a vinculação entre uma bem sucedida estratégia de divulgação por meio do blog e uma recepção invasora de privacidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, gostaria de lembrar que a circulação do literário na internet foi acompanhada (e deve, portanto, ser entendida de modo inseparável) da ampliação da vida literária nacional. Na última década surgiram, com efeito, uma série de festas, festivais e outros encontros em torno das letras (Flip, Flop, entre outras), de caráter local ou internacional, que rapidamente se disseminaram por pontos diversos do país. Além disso, o número de prêmios literários existentes também aumentou consideravelmente, assim como seus valores (nos anos 2000 foram criados, por exemplo, o Portugal Telecom e o Prêmio São Paulo, de grande recompensa financeira).

Este cenário, em termos jornalísticos, estimula e fornece material para os suplementos literários e cadernos culturais. Pautados, como se sabe, pela lógica da notícia (cf. TRAVANCAS, 2001), estes devem ser considerados como produtos nascidos da separação entre literatura e jornalismo ou, segundo os termos de Silviano Santiago, da desliteraturização da imprensa escrita. E, de fato, a atual geração de suplementos literários que circula no país parece comprovar a receptividade dos grandes jornais à expansão da vida literária extra-acadêmica, tendo nascido e podendo ser considerados em parte frutos desse momento de ampliação. O Prosa & Verso, suplemento do jornal *O Globo*, por exemplo, foi criado em 1995, junto com uma reforma gráfica realizada pelo jornal. Já o Sabático, do *Estado de S. Paulo*, foi lançado em 2010, também integrando uma reforma gráfica e editorial. Ainda em 2010, o Ilustríssima substituiu o antigo Mais!, na *Folha de S. Paulo*.

Dessa maneira, esses três suplementos, com seus distintos perfis, têm a marca da época que busquei esboçar brevemente aqui. Atravessados sim (mas não apenas) pelo movimento de desliteraturização destacado por Silviano, eles são regidos por uma lógica prioritariamente jornalística. E é esta mesma lógica que tem criado espaço nas

páginas de jornal hoje para os acontecimentos que movimentam a vida literária no país, permitindo que novas formas de literaturização e folhetinização alcancem, de modo mais indireto, a imprensa escrita.

Mas além de marcar os suplementos culturais do final do século XX e início do XXI, estes movimentos de literaturização e folhetinização também levantam questões, desenham figuras e abrem campos a serem examinados pelo crítico. Cabe a este, acredito, analisar com cuidado e sem nostalgia esse domínio que se constitui, refletindo sobre as novas formas de manifestação do literário e suas conjugações várias – à cultura da internet, à ampliação do campo narrativo e à expansão da vida em torno das letras e dos livros -, todas elas produtoras de sentido sobre o ato de escrever e ler dos dias de hoje.

REFERÊNCIAS:

AVERBUCK, Clarah. O inferno são os outros (ou como os leitores de blogs podem tirar o sossego de um escritor-internauta). Revista *Bravo!*, jul. 2008. Disponível: http://www.carranca.com.br/bravo/cinema_blogclara.shtml. Acesso: 20 ago. 2012.

_____. *Máquina de Pinball*. São Paulo: Editora Conrad, 2002.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. P. 181-190.

GALERA, Daniel. *Até o dia em que o cão morreu*. Porto Alegre: Livros do Mal, 2003.

_____. *Cordilheira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Mãos de cavalo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MORICONI, Italo. A reinvenção do fetiche literário. Rio de Janeiro, *O Globo*, 20 nov. 2010. Caderno Prosa & Verso. Disponível: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/11/20/a-reinvencao-do-fetiche-literario-341915.asp>. Acesso: 14 ago. 2012.

PÉCORA, Alcir. A hipótese da crise. Rio de Janeiro, *O Globo*, 23 abr. 2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/04/23/impasses-da-literatura-contemporanea-por-alcir-pecora-376085.asp>. Acesso em: 14 ago. 2012.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Brasileiro compra mais livro, mas crescimento do setor é discreto. Disponível: <http://www.publishnews.com.br/telas/noticias/detalhes.aspx?id=64697>. Acesso: 17 jul. 2012.

SANTIAGO, Silviano. Crítica literária e jornal na pós-modernidade. Revista de Estudos de Literatura. V.1, out. 1993. P. 11-17.

_____. A crítica literária no jornal. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. P. 157-167.

SANTOS, Renato Alessandro. Um dedo de prosa com Daniel Galera. Disponível: <http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/34/artigo207176-1.asp>. Acesso: 13 jul. 2012.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.